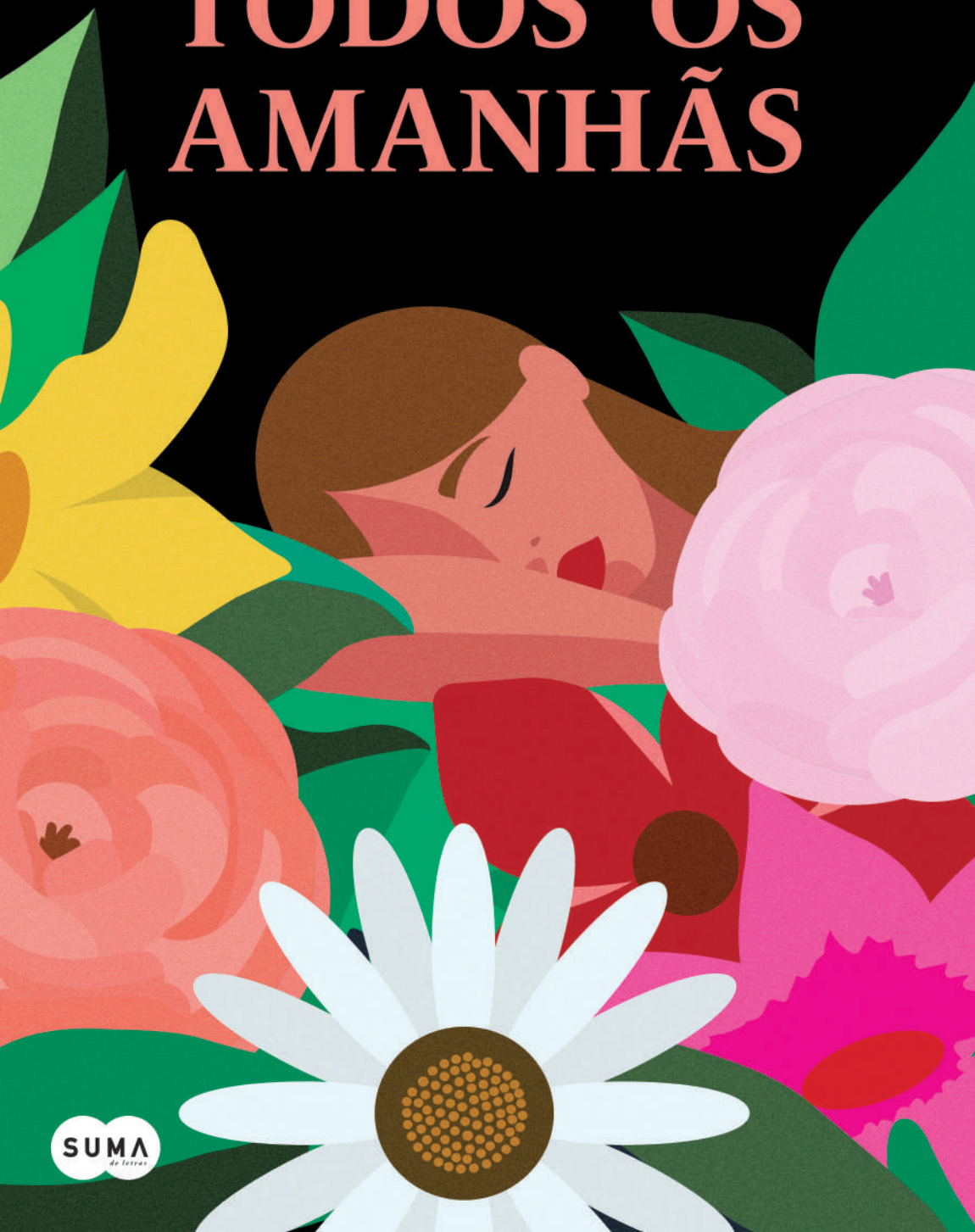


MÉLISSA DA COSTA

Mais de 1 milhão de livros vendidos

TODOS OS AMANHÃS



SUMA
de livros

1

A fechadura enferrujada cede com dificuldade. O homem é obrigado a forçar, a retirar a chave, a tentar de novo. Aqui também está muito calor. Não tanto quanto na cidade ou na planície, mas ainda assim bastante. A temperatura acerca-se dos trinta graus. O homem está ofegante, parece refletir por um segundo, após o que dá um encontrão com o ombro na madeira da porta enquanto a chave roda. Um estalido: o pesado painel com a tinta a descascar cede e abre-se para o interior, para a obscuridade, para a frescura.

A casa não deve ser aberta há meses. Flutua no ar um ligeiro aroma a ranço, mas a sensação desagradável é varrida pela frescura que ali reina. Vinte e dois graus: tenho tempo para avaliar a temperatura interior. Não mais. Perfeito. Oiço o homem mexer-se ao meu lado, pousando a pasta de pele sintética no chão. As chaves tilintam.

— Estou à procura do interruptor — esclarece ele.

Aguardo serenamente de pé na entrada escura. Não tenho nada de melhor para fazer. Esperar tornou-se a minha segunda natureza desde aquele final de dia, a 21 de junho. A minha única ocupação. Ele bufa. O calor? A dificuldade de procurar às apalpadelas? Não o ajudo. Não penso sequer nisso. Aguardo.

Um tempo indeterminado escorre entre as paredes espessas da velha casa. Reparo na ausência de vizinhos e no silêncio. Também isso é bom.

— Aqui está. Desculpe.

De súbito, a luz ilumina a entrada. O agente imobiliário limpa a fronte, esboçando-me um sorriso desolado. Está convencido de que vou fugir a sete pés. A fraca luz da lâmpada, o odor rançoso

do interior, a porta que só a custo abre — a madeira inchou, decerto... No entanto, não me lanço a correr dali para fora. Observo o corredor onde me encontro. Um corredor sombrio e sem janela. Um chão ladrilhado num castanho-acobreado. As paredes brancas. Os rodapés em madeira escura. Um quadro com a representação de uma igreja de pedra.

Sons de folhas que alguém apanha. Ele volta a ler as notas. Não está no ponto. Volta a limpar a fronte húmida. Não me mexo. Nada pergunto. Ele vai chegar lá. Ou não. Pouco importa.

— Uma casa de 1940. A fachada foi rebocada há dez anos. O telhado foi isolado no inverno passado.

Julgo detetar-lhe um lampejo de satisfação no olhar. Um argumento de peso, sem dúvida. Contemplo sem ver o quadro com a igreja pintada.

— Sessenta metros quadrados de superfície. A porta à sua direita conduz ao quarto, e a da esquerda dá para a casa de banho.

Estende-me uma mão, estuda-me. Só ao cabo de alguns segundos compreendo que me está a convidar a dar alguns passos e abrir a porta à direita. A minha perceção está vagarosa. O homem acaba por me preceder com um novo sorriso desolado.

A porta abre mais facilmente. Tirando um ligeiro ranger, nada de assinalável. Os seus passos desaparecem, abafam-se. Presumo que haja alcatifa.

— Vou abrir as portadas.

Espero. O som de um puxador a ser mexido. Um rangido roufenho. Um estirão mais forte que provoca um som desta vez bem audível. No segundo seguinte, a luz entra na divisão. Um raio de sol trespassado de poeiras que voam indolentemente. Com efeito, entrevejo uma carpete, do mesmo tom castanho-acobreado dos rodapés do corredor. Também uma cama. Grande. Uma cabeceira em madeira maciça e pesada, escura. Um armário à antiga, de madeira tosca, alto. Mais nada. O essencial. Agrada-me. Não pergunto o que quer que seja. Silêncio, frescura e menos sol.

— A janela dá para leste. Poderá ver o nascer do sol na floresta, caso seja madrugada.

Ele não sabe que não faço tenção de abrir as portadas. Quero permanecer na escuridão.

— Tem perguntas?

— Não.

Estará surpreendido ou não? Não me demoro no seu rosto. Limito-me a esperar. Pelo fim da visita. Pelas chaves. Por me fechar.

Seguimos em direção ao corredor. Desta vez, entramos pela porta da esquerda. As mesmas ações. As portadas que gemem. A luz que entra. Uma banheira à antiga, de um horrível tom de salmão. Um bidé. Quem é que ainda usa aquilo? Um lavatório. Alguns ruídos.

— É preciso deixar que a água corra um bocadinho... Esteve cortada durante algum tempo. Imagino que saia um pouco amarelada de início.

Água amarela. Água transparente. Água, no final de contas.

A luz tremelica quando regressamos ao corredor. Tem de se mudar a lâmpada. Ele empurra a última porta, tossicando. A divisão é, sem dúvida, poeirenta. São necessários alguns segundos entre o movimento no interruptor e o surgimento de uma luz descorada. O espaço obedece às mesmas linhas estéticas dos anteriores: um pavimento carregado, uma cozinha com armários em madeira escura, um papel de parede em tons de salmão ornado com motivos de bambu branco. Uma janela abre-se, as portadas também, a fim de permitir que um ar mais puro entre. A luminosidade obriga-me a semicerrar os olhos. Não suporto aquele sol. Aquele céu azul é um insulto. O homem fala, e eu afasto-me da janela. Procuo a frescura e a obscuridade.

— Como pode ver, a antiga proprietária tinha um jardim. Foi deixado ao abandono, mas bastarão alguns toques de enxada para o reabilitar, se tiver vontade disso.

Cala-se. Fixa-me, julgo.

— Não o quer ver? Está tudo bem, minha senhora? Não gosta da luz?

— Uma enxaqueca.

— Desculpe. Vou fechar já as portadas.

Fico-lhe grata. Ele prossegue, convencido de que faz tudo aquilo para assinar o contrato de arrendamento no próprio dia.

— A anterior proprietária era uma senhora idosa. Morreu há três anos. A casa está desabitada desde então... Não é que não esteja em bom estado, pelo contrário, foi conservada em perfeitas condições pela filha, que vive na outra ponta de França, mas que aqui vem uma vez por ano para cuidar de algumas coisas, nomeadamente o isolamento do telhado, no ano passado...

Já não o oiço verdadeiramente. Ele não se apercebe disso.

— Não, o problema é que as pessoas fogem das zonas rurais. É assim por todo o lado. Já ninguém sonha com Auvergne.

— Os móveis podem ficar?

Ele aquiesce, não tão vexado quanto isso por ter sido interrompido.

— Naturalmente. Ficarà tudo. A filha da senhora Hugues, a antiga proprietária, quis manter o interior, bem como a identidade da casa. Pensa instalar-se aqui um dia, quem sabe... Na altura da reforma, por exemplo. Os bens pessoais encontram-se nas águas-furtadas, no piso de cima. Estão bem arrumados, em caixas, mas, caso a incomodem, posso eventualmente ligar-lhe...

— Não me incomodam...

Ele esfrega as mãos, satisfeito.

— Talvez queira dar uma segunda volta pela casa sozinha?

— Não, não será necessário.

— Pelo jardim talvez...

— É que estou com pressa...

— Ah...

— Será que poderíamos assinar os papéis agora?

Ele fica pasmo, vejo-o. Não esperava consegui-lo tão facilmente. Uma casa que tem em carteira há três anos. Uma só visita, e o negócio fica selado.

— Tem a certeza?

Surpreende-se a si próprio quando mo pergunta, leio-o no seu rosto.

— Sim.

— Bem, então... Sim, tenho os papéis no carro, mas... vou precisar de alguns documentos.

Não espero pelo fim da frase para me pôr a remexer na mala. Tenho todos os documentos exigidos devidamente arrumados numa mala. A declaração de IRS, os meus últimos recibos de vencimento, o papel do notário relativamente ao testamento e a soma que me cabe, o meu cartão de cidadão.

— Ah... Está tudo aí? Perfeito!

Instalamo-nos à mesa da cozinha para preencher o contrato de arrendamento e proceder às diversas formalidades.

— Deixou-me curioso.

Só ao cabo de alguns segundos percebo que se está a dirigir a mim e que acabou de verificar todos os documentos, observando-me, com ambas as mãos pousadas sobre o tampo da mesa.

— Desculpe?

— É desta zona?

— Não, vivia na região de Lyon.

— Não tem ninguém por estas bandas?

Abano a cabeça. Emite um som de sucção com o qual pretende expressar o seu espanto.

— É engraçado que uma mulher sozinha decida vir instalar-se neste canto tão isolado.

Não irá obter qualquer resposta da minha parte, o que encerra a conversa. Entrego-lhe as duas vias do contrato assinado com uma *Bic* azul.

— Bem, então podemos passar ao inventário do estado de conservação.

Deixo a porta aberta até o carro do agente ter desaparecido ao fundo da alameda, de seguida na floresta densa que cobre as colinas

circundantes, após o que fecho o pesado painel. A obscuridade, o silêncio, a frescura. Permaneço encostada longos segundos à porta de madeira, certificando-me de que ele não volta, de que estou finalmente sozinha.

Não trouxe muitas coisas comigo. Uma única mala, que se encontra na bagageira do carro e que esperará. O resto, sobretudo fotografias, deixei para trás. Não quero nada que me lembre a minha vida de antes. Antes de 21 de junho e da noite que se seguiu.

Como é que as outras pessoas fazem? Como podem ver o seu universo desmoronar-se e seguir em frente como se nada fosse? Regressar ao trabalho ao fim de alguns dias, continuar a viver no mesmo apartamento, no mesmo bairro... Está para lá das minhas forças. Eles saíram do meu mundo brutalmente, os dois, nessa mesma noite, e a partir desse momento aquele mundo, no qual eu evoluía, respirava, acordava há vinte e nove anos, aquele mundo deixou de existir.

Deixei as chaves de casa à Anne, que fará com elas o que achar melhor. Não a esvaziei. Não tive nem tempo nem coragem. Quis fugir o mais depressa possível. Tudo permaneceu inalterado. Decerto o chá que eu estava a beber no instante em que o intercomunicador tocou continua na bancada. Decerto o catálogo que eu folheava continua aberto, ao lado da chávena, e as pantufas do Benjamin aguardam à entrada.

À saída do hospital, só desejava fugir do verão, dos seus raios escaldantes e das multidões felizes nas margens do Ródano. Teria preferido que eles houvessem morrido no inverno, numa tarde de chuva torrencial, sob um céu cinzento-escuro. Não ao som das orquestras, dos foguetes e das gargalhadas, não naquele primeiro dia de verão.

Abri a porta mal o sol se pôs. Certifiquei-me disso, espreitando por entre as portadas fechadas. O dia jogou em prolongamento, e é tarde, talvez dez da noite. Os últimos clarões vermelhos do sol esbatem-se e fundem-se no azul-acinzentado da noite que nasce.

Descarrego a bagageira. A minha mala com rodas faz um barulho surdo quando cai no cascalho. Cada passo meu parece-me ecoar de forma amplificada. É a primeira vez que oiço um silêncio tão opaco, tão pesado. Tenho a sensação de ter sido absorvida por completo pela floresta.

Pouso a mala diante da porta do meu quarto, regressando ao carro. Resta um grande saco de plástico, bem mais pesado do que a mala. Um saco com artigos de conveniência. Cerca de cinquenta latas de conserva, pacotes de arroz, massas e todo o tipo de cereais. Não estou prestes a sair daqui.

Adoraria dormir. Tenho a sensação de que estou cansada, mas continua a ser uma coisa difícil de declarar, de tal forma as insónias me alteraram o relógio biológico. Sinto um ligeiro frio. Estremeço. Pouso uma manta sobre as costas e decido retirar o telemóvel da mala. Duas mensagens de texto da minha mãe. Um *e-mail* do notário a respeito de formalidades testamentárias. Uma chamada não atendida da Anne. Verifico o sinal — não é assim tão mau — e decido telefonar-lhe de volta. É a única pessoa cuja voz ainda suporto. Porque é sua mãe. Porque partilha a minha dor melhor do que ninguém.

Temo que não me responda, deve ser tarde para ela, mas atende ao cabo de dois toques.

— Amande, estava à espera da tua chamada.

— Estava a arrumar as coisas.

Minto. Ela adivinha-o, mas não me obriga à verdade.

— Chegaste à tarde?

— Sim.

— Como é a casa?

— Vou cá ficar. Assinei os papéis.

Também desta vez ela não tece qualquer comentário acerca da minha decisão louca, tomada em poucos dias. A minha própria mãe não se teria incomodado.

— Sentes-te bem aí? — limita-se a inquirir.

Não, não me sinto bem aqui. Não me sinto bem seja onde for. Aqui talvez seja menos mau do que noutro lado, pelo que aquiesço.

— Passaste por casa? — pergunto-lhe de seguida.

— Ainda não.

Sente-se tão apreensiva quanto eu de entrar, adivinho, compreendendo. É tão recente.

— Vou com o Richard.

— É melhor.

Instala-se um silêncio. Já não sei que mais dizer, ela também não. Por fim, é a primeira a retomar a palavra:

— Queres que a limpe e arrume enquanto aí estás?

— Não vale a pena.

— A sério?

— Não julgo que vá voltar para lá.

Oiço-a engolir em seco.

— Queres que eu a subarrende... entretanto?

Ela continua convencida de que eu, mais cedo ou mais tarde, regressarei a casa. Já eu, bem, sei que nunca mais lá conseguiria viver.

— Isso permitir-te-ia não perderes dinheiro todos os meses...

Agora que também estás a pagar essa renda em Auvergne.

— Sim, tens razão... poderíamos fazer isso.

Confio na Anne. Sabe manter o sangue-frio e as ideias claras, apesar da dor.

— Posso tratar desse assunto durante a semana.

— Está bem.

— O Richard vai falar com o notário na quarta-feira. Não precisas de cá vir.

— Obrigada.

Controlo aquilo que ameaça explodir dentro de mim. Eles são tão amáveis. Não quero começar a chorar agora.

— Se o tempo custar a passar... Se a solidão for de mais...

— Eu sei, Anne.

— Liga-nos...

- Não hesitarei.
- Não te deixes ir abaixo.

Não sei que responder. Aquelas palavras assemelham-se a uma advertência inquieta. Engulo em seco e replico a única coisa que consigo:

- Acho que vou tentar dormir um pouco.
- Tens razão, descansa. Falamos em breve, está bem?
- Está bem.

Dormi algumas horas. Entre a meia-noite e as duas, e depois novamente esta hipervigilância. O meu cérebro recusa-se a ceder, a desligar durante algumas horas, a oferecer-me o repouso de que necessito. É assim há dezoito dias.

Deambulo pela casa. Arrumo as latas de conserva nos armários, o que me impede de pensar em demasia. Descubro um velho calendário na parede da sala. Ninguém dali o tirou desde a morte da senhora Hugues, nem sequer a filha. Foram inseridas anotações ao longo dos dias. Desprendo-o. Aqui, não preciso de nada que me indique a passagem do tempo. Já não. De seguida, aproximo uma cadeira da parede oposta, onde um velho relógio, com um ramalhete de flores cor-de-rosa nele representado, assinala as duas horas e meia da madrugada. A dona daquele lugar morreu, mas as pilhas não. Os ponteiros continuam a mover-se lentamente, como que a provocar-me, indicando-me que o tempo não pára de correr, que a vida não terminou. É errado. A vida terminou. Portanto, retiro o relógio e lanço-o ao chão. Não tinha a intenção de o estragar ou de ser particularmente violenta, mas o mostrador explode, os ponteiros ficam torcidos. Um deles acaba o seu curso na bancada, num lugar onde mais ninguém o poderá procurar. Já não há horas. Já não há datas. A partir daquele momento, existem tão-só os *em breve* e os *mais tarde*. Acabaram-se os dias, bem como as noites. Apenas eu e a minha dor nesta casa silenciosa.

Três sóis se sucederam desde que fechei a porta de casa com as minhas duas únicas malas lá dentro. Observo-os através das portas fechadas, a esses sóis que iluminam a vida lá fora. Há um espaço ínfimo entre as lâminas de madeira, o que me permite espiar o verão. Não me arrisco a sair, nem sequer à noite. Não sinto necessidade disso. Dormi uma vez ou duas, parece-me. Algumas horas. Não tive pesadelos, o que é bom. Creio que o meu cérebro está demasiado cansado para reproduzir as imagens atrozes do corpo mutilado do Benjamin.

Quando oiço bater, no decurso do quarto sol, sou inicialmente assaltada pelo medo. Trata-se de um sentimento idiota. Estou barricada, em segurança, aqui. No entanto, sinto medo. Medo de que a luz me bata em cheio no rosto? Medo de me encontrar diante de alguém? Não sei. As batidas ecoam uma segunda vez, e tenho de lá ir, de me deslocar lentamente naquele corredor que me parece interminável.

— Sim?

Não abro a porta. Permaneço colada à superfície de madeira, aguardando por uma resposta.

— Bom dia, empresa Fibrenet. Informaram-nos de que a casa se encontra habitada. Não quer abrir?

Não sei. De súbito, sinto um nó na garganta, uma vaga de angústia.

— Minha senhora?

Então, abro. Não sei bem porquê. E é violento. Preciso de fechar os olhos por alguns segundos para que a minha visão se habitue a semelhante luminosidade.

— Lamento incomodá-la. Sou técnico comercial da empresa Fibrenet. Propomos servir as casas da zona com um acesso à Internet com um débito de dez *megabits*. O senhor da agência imobiliária, na vila vizinha, informou-me de que a senhora tinha acabado de se mudar.

Os *flashes* luminosos dissipam-se, e vislumbro a silhueta de um homem. A minha primeira visita desde que me barriquei. Um indivíduo pequeno e atarracado.

— Posso entrar por uns instantes para lhe apresentar a oferta da nossa empresa?

A carrinha encontra-se no pátio. Um veículo branco com letras vermelhas assinalando o nome da empresa. Segue-me o olhar e acrescenta, com um meio-sorriso nos lábios:

— Não se trata de uma burla, minha senhora. Eis o carro da minha empresa. Instalei a Internet em casa dos seus vizinhos, a oitocentos metros daqui, mais para baixo. Eles poderão dizer-lho. Até lhe dirão que estão satisfeitos, que funciona bastante bem... Para o sítio, quero dizer.

Enquanto fala, dá um passo no alpendre. Julga que não reparei. A mão pousa na moldura da porta, o tipo está prestes a tomar posse do sítio, pelo que abano a cabeça.

— Não, não estou interessada.

Ele estuda-me com atenção, o sobrolho franzido. Não sei o que verá. Sem dúvida, a silhueta de uma mulher jovem, demasiado pálida, de cabelos loiros, sujos e oleosos, o corpo perdido em roupas que se tornaram demasiado largas. Nunca imaginei que se pudesse perder tantos quilos em vinte e dois dias.

— Se calhar, tem Internet no telemóvel — tenta ele. — Os nossos tarifários incluem os dados móveis e o modem.

— Não, não estou interessada.

O seu olhar pousa no telhado da casa.

— A senhora não tem antena de televisão?

Parece surpreendido.

— Não.

— Se não instalar a Internet, não vai conseguir ver televisão, minha senhora.

Começa a irritar-me, o tipo — e o sol que deixa entrar em casa.

— Estou-me nas tintas. Isso não tem importância.

O pé do indivíduo recua, regressando ao cascalho do pátio. Compreendeu que a batalha está perdida.

— Ainda assim, deve manter-se informada das novidades do mundo.

Olho-o fixamente, sem pestanejar.

— Que mundo?

Desta vez, fica desconcertado. Esboça um gesto com o queixo e regressa à carrinha antes de se esgueirar precipitadamente.

Mais tarde, quando o quarto sol se põe e o frio invade a casa numa onda lenta, escuto um som, pela segunda vez naquele dia. Este é diferente, mais distante, mais abafado. Um foguete que rebenta. É rapidamente seguido de outras explosões, espaçadas por alguns segundos. Temo adivinhar. Deixo-me ficar paralisada diante da tigela, onde flutua massa chinesa. Poderia ir à janela, pousar os olhos entre as ripas das portadas e constatar por mim o que pressinto. No entanto, o meu corpo permanece imóvel. Prefiro contar os dias. Quatro sóis. Vinte e quatro dias desde 21 de junho. Estamos a 13 de julho. Mais abaixo, na vila, ou quiçá mais longe, nas vilas vizinhas, as pessoas celebram o feriado nacional. Reuniram-se em família nos jardins, nos passeios, diante do edifício da Câmara. Têm o nariz voltado para o céu, admirando as chispas multicolores. Estamos a 13 de julho. Hoje, tenho trinta anos. Há pouco tempo, tão pouco tempo, ainda tinha vinte e nove. Partilhava a vida com o Benjamin há quatro anos. Estávamos a pensar deixar o pequeno T2 na região de Lyon e instalarmo-nos numa casa no campo. Acima de tudo, eu iniciava o oitavo mês de gestação. Estava a preparar-me para ser mãe. Ela chamar-se-ia Manon.

2

Em poucos dias, decidi mudar-me para o meio do nada. Precisava de fugir ao verão. Precisava de calma para pensar. Pensar neles. Lá era impossível. No hospital, não me deixavam em paz nem por um minuto. Nunca mo disseram, mas adivinhei. Temiam que cortasse os pulsos. Havia aquele psicólogo que tentava fazer-me falar, mas não obtive grande coisa. Eu estava em estado de choque, incapaz de perceber que o meu universo se havia estilhaçado em mil pedaços. Mesmo. Depois do hospital, a Anne levou-me para casa deles e instalou-me no quarto de hóspedes, onde o Benjamin dormia quando ainda estava vivo. Não protestei, não tinha forças para isso. O Yann, o irmão do Benjamin, dormia lá frequentemente. Quer com a Cassandra, quer sem ela. A Anne insistia para que comêssemos todos juntos, mesmo que nenhum de nós sentisse vontade de falar. Temos de nos amparar uns aos outros, dizia ela. Éramos quatro num espaço que me parecia tão pequeno... Além disso, a casa era demasiado luminosa. No jardim dos vizinhos, as crianças brincavam às batalhas de água. Por vezes, o aroma de um churrasco conseguia infiltrar-se na sala, seguido de risos, do tilintar de talheres, de copos que se entrechocavam. A Anne fingia nada ouvir, nada sentir. Já eu não suportava aquilo.

Depois, a minha mãe chegou da sua ilha. A ilha da Reunião. Foi lá que decidi instalar-se quando eu alcancei a idade para ser independente e viver sozinha. Um sonho que sempre acalentara, ao que parece. Por conseguinte, desembarcou na metrópole, em casa da Anne e do Richard, dez dias depois do enterro.

— Lamento. Foi o primeiro voo que consegui apanhar.

Não percebi por que razão a Anne a convidara para ficar conosco. Decerto pensou que eu precisaria do apoio da minha mãe

naquele momento difícil. Enganou-se. Nunca perdoei à minha mãe as críticas que teceu em relação ao Benjamin.

— Não passa de um *hippie* preguiçoso.

Não lhe perdoei ter permanecido tão longe durante toda a minha gravidez. Julgo que há muitas coisas que nunca lhe perdorei, e a sua ausência no enterro validara definitivamente o meu rancor.

— Vou ajudar-te a recompores-te, minha querida.

Não sei como encaixei os dois primeiros dias. Decerto estaria muito distante. No terceiro, quando ela me aconselhou a regressar ao trabalho o mais brevemente possível, a fim de «tomar de novo as rédeas da minha vida e não me deixar ir ao fundo», pedi-lhe que se fosse embora. A Anne reiterou o pedido, quando a minha mãe se indignou. Ficar-lhe-ei eternamente grata por me ter poupado àquela crise, em cima de tudo o resto. No dia seguinte, a minha mãe regressou à sua ilha, e eu pus-me a consultar anúncios na Internet. Eis as palavras-chave: *arrendamento de casa no campo*. Auvergne constava entre os primeiros resultados da minha procura. Não refleti muito. Precisava de partir quanto antes. À primeira proposta de visita, fiz uma mala impessoal e meti prego a fundo.

O Benjamin nada tinha do *hippie* preguiçoso que a minha mãe imaginara. É verdade que havia nos seus cabelos morenos alguns vestígios das rastas que usara na juventude. Davam-lhe um ar diferente, que eu adorava. Quando o conheci, trabalhava em pleno coração de Lyon, numa Associação Cultural para Jovens. Usava calças de ganga largas, uma argola na orelha e era de trato fácil. Estava sempre à vontade em público, pouco importando com quem. Não era pretensioso nem demasiado falador, características que me teriam desagradado. Apenas livre, descontraído, à vontade no seu corpo. E amável. Na ACJ era um educador especializado. Os miúdos tratavam-no por Benji. Revelou ser, e sempre assim permaneceu, o meu oposto. Moreno e alto quando eu era loira e miúda. Atencioso e extrovertido na mesma medida em que eu era reservada e desconfiada. Eu trabalhava para a Câmara de

Lyon e estava envolvida num projeto para organizar uma sopa dos pobres com as diversas associações: a de sem-abrigo, o clube de reformados, os jovens da ACJ. Iria, portanto, reunir-me com o diretor, e o Benjamin foi escolhido para o representar. Nesse dia, ele tentara de tudo para me deixar à vontade, a mim, que nunca havia entrado numa ACJ. Mostrou-se sorridente, ofereceu-me café, coisa que recusei três vezes, e convidou-me para assistir a uma aula de música dos seus jovens, na divisão ao lado, depois de terminada a reunião. Não havia ali nenhuma técnica de sedução, apenas uma tentativa de me descontraír, a mim, a loira baixinha e nervosa no seu fato. Mantive-me na defensiva, agarrando-me ao meu projeto de sopa dos pobres e respondendo aos seus sorrisos com um ricto incomodado. Nunca tive o hábito de me dar com tipos como o Benjamin. Estava desconfiada. Ele pura e simplesmente não fazia parte do meu universo.

Só passado um mês inteiro de reuniões relacionadas com aquele projeto ele conseguira quebrar o gelo e iniciar uma relação de camaradagem entre nós. Não sei por que milagre conseguiu, na noite da sopa dos pobres, entre o aroma dos legumes cozidos, enquanto os altifalantes difundiam um *rock'n'roll* dos anos 60, arrastar-me para trás da tenda principal. Tínhamos bebido umas cervejas. O ambiente era festivo. Não resisti quando me tentou beijar. Encontrei a minha cara-metade naquela noite.

Uns anos antes, noutra vida, lera um artigo que dizia que, com o passar do tempo, o luto se tem vindo a perder e que as consequências se afiguram nefastas para os indivíduos. Antigamente, observava-se o luto durante semanas, inclusive meses. As mulheres usavam preto para expressar a sua dor, um longo véu de crepe cobria-lhes o rosto, e todas as joias eram proibidas, exceto as de madeira escura. Os homens afixavam um laço de crepe preto de volta do chapéu ou uma tira negra no braço. Interrompiam-se as atividades, e as pessoas juntavam-se em família. Houvera um tempo para curarmos a dor, para nos recordarmos, para nos despedirmos de forma correta.

Hoje em dia, ainda mal o corpo fora enterrado, já se tinha de retomar o quotidiano: o trabalho, as faturas a pagar... A sociedade deixou de ter tempo para o luto.

Eu não consigo. Foi por isso que me exilei em Auvergne. Preciso de tempo.

A minha mãe ainda tentou ligar-me várias vezes. Deixei que as chamadas aterrassem no atendedor, sabendo que não o consultaria. Deve querer saber se já regresssei ao trabalho. Não tem outra razão para me ligar. A Câmara propôs-me uma licença sem vencimento, antes mesmo que eu tivesse tempo de pensar nisso. Decerto com receio das faltas sucessivas por doença. Ao que parece, acontece muito. Aceitei a proposta. De momento, não preciso do dinheiro.

Como consequência das insónias, mal me mantenho de pé e passo a maior parte dos dias deitada no quarto, enrolada nos cobertores. Olho para o teto. Os olhos ardem-me. Preciso de dormir, que os pesadelos me deixem em paz. Reparo numa mancha de humidade lá em cima. Sem dúvida, uma infiltração no sótão. Deixo que a mancha alastre, ocupe todo o meu campo de visão, fique desfocada. Adormeço. Sem sequer me aperceber.

Ao acordar, a sensação é agradável. Sinto que dormi um sono profundo, mais de três horas. Talvez quatro. Não faço ideia, o relógio está estragado, e o meu telemóvel permanece no fundo da mala. Deixo a manta na cama e atravesso o corredor até à sala do fundo, onde como. Lá, baixo-me, e o meu olhar estuda o pequeno espaço entre duas ripas de madeira. Está escuro. É de noite. Melhor, constato que está a chover e que o céu ficou obscurecido por grandes nuvens. Nem uma estrela se vê. Hesito, paralisada ante aquelas portadas fechadas. Uma loucura... Um minuto ou dois. Não mais. Saio para a chuva de pijama, que não dispo há vários sóis. Talvez sete. Não faço a mais pálida ideia.

É uma chuva miudinha que mal me molha os cabelos e não tem força para impregnar o algodão da roupa que trago vestida.

O ar cheira a terra, como sempre quando chove. Um aroma forte a húmus. Os meus pés calcam timidamente a erva escorregadia. Não consigo deixar de o fazer, penso no Benjamin lá em baixo, no seu caixão de madeira clara. Estará abrigado? Foi a Anne quem escolheu o caixão. Eu estava no hospital. Abriram-me a barriga na precipitação daquela noite de 21 de junho, e a cicatriz não estava bonita. Os médicos receavam que infetasse. Só pude sair por breves instantes, para o enterro, proibida de permanecer de pé. O caixão era bonito. A Anne escolhera uma elegante madeira em tons creme, envernizada.

Quanto a *ela*, não me deram escolha. Ao que parece, ainda não estava totalmente formada. A mim, parecera-me um bebé de verdade, perfeitamente vivo, que poderia ter chorado e mamado. Mas não respirava. O coração parara havia demasiado tempo. Explicaram-me que, nos casos dos nados-mortos, se procedia sempre à cremação. Ela foi cremada nesse mesmo dia, mas as cinzas só três dias depois foram depositadas no jardim da lembrança, ao mesmo tempo que o corpo do Benjamin foi a enterrar. No que a ela dizia respeito, pelo menos, não teria de me preocupar com a chuva.

Não sei bem para onde vou, mas avanço. A noite cerrada, sem estrelas e sem lua, não me permite discernir os contornos da casa. Tudo está escuro. Quando muito, adivinho os pinhais que a rodeiam. Assim sendo, foco-me nos aromas. A terra, a chuva, a resina e as agulhas de pinheiro. Nunca me habituei aos odores da natureza. O Benjamin, sim. Cresceu no Jura. Os pais mudaram-se para a região de Lyon quando ele tinha dezoito anos. Sempre manteve aquele gosto pela natureza, pelos espaços abertos. Quando soube que eu estava grávida, nem por um segundo ponderou que continuássemos na cidade. Queria que, o mais tardar, um ano depois do nascimento, nos despedíssemos e nos instalássemos no campo. Onde? Ainda não havíamos decidido. Ele ia vendo anúncios, mostrava-me algumas fotografias. Nunca partilhei o seu entusiasmo e disfarçava-o muito mal, mas ele não se deixava desencorajar. «Vais ver quando lá estivermos...» Imaginava que talvez ele tivesse razão. Tinha tudo

para descobrir, eu, que crescera no coração de Lyon e considerava o parque da Tête-d'Or quase um parque nacional.

A minha mãe só gostava da cidade. Pelo menos, até aos seus cinquenta anos. Ali conseguia fazer regularmente novos amigos, beber um copo à noite e ter uma vida social fora do trabalho, ela que não tinha marido nem uma família a sério. Depois, entrei para a faculdade e passava a maior parte do tempo no *campus*, e ela, achando que daí em diante a filha saberia desenvencilhar-se sozinha, decidiu dar rédea ao seu sonho de sempre: ir viver sozinha para as ilhas. Eu conseguia desenrascar-me. Não tinha era necessariamente vontade de o fazer. Não naquela altura.

Com ou sem mãe, sempre gostei da cidade, do seu bulício constante, da sensação de que nunca estava sozinha, de que me encontrava sempre rodeada, em movimento.

No entanto, nesta noite, caminho sozinha à chuva, na aldeia isolada de Auvergne, entre pinhais. Esta casa não é decerto a que o Benjamin teria escolhido para nós, mas tenho a certeza de que adoraria o enquadramento. Entre os aromas de resina e de terra fresca, tenho a sensação de estar a honrar o seu projeto.

Faço limpezas noite e dia. A casa não está particularmente suja ou desarrumada, mas preciso de me manter ocupada. As insónias levam a que o tempo me pareça interminável. Preciso de o ocupar; caso contrário, os pensamentos regressam invariavelmente àquela noite de 21 de junho, ao corpo sem vida do Benjamin, ao feto coberto de sangue. Tenho tanto medo dessas imagens que procuro cansar-me fisicamente para não pensar mais. Puxo o lustro à bancada a ponto de desfazer a esponja, organizo as latas de conserva por ordem alfabética. Aipos. Brócolos. Carne com tomate. Chili com carne. Creme de curgete. Espargos. Espinafres. Guisado de legumes. A cada diz que passa, há menos, mas ainda não me sinto capaz de enfrentar o mundo lá fora.

Persigo a poeira em lâmpadas e abajures escuros, levo a cabo uma verdadeira inspeção a cada armário. Aqui, encontro um velho jornal local. Ali, um anuário amarelecido, acompanhado de um ímã de frigorífico com os números de emergência. No armário da sala, dois livros de Émile Zola e um mapa de autoestradas. Ao limpar, a filha da senhora Hugues esqueceu-se de alguns pormenores. Coloco todos aqueles objetos que não me pertencem num saco do lixo e decido levá-lo para o sótão num dia destes, quando me sentir menos fraca.

Só no último momento me recordo do calendário com três anos que retirara da parede uns dias antes. Está num canto da mesa. Preparo-me para o guardar no grande saco de plástico, na companhia de outras testemunhas da vida da senhora Hugues, quando decifro as notas deixadas pela velha senhora. *Regar os feijões. Cobrir as curgetes. Varrer o alpendre. Lavar as janelas.* A maior parte delas é banal, mas há outras mais originais: *Beber mais* ou esta com o ponto de interrogação: *Rolos de cabelo?*

O calendário não vai para o saco do lixo preto. Fica comigo, na cozinha. Não há qualquer razão para isso, exceto aquela caligrafia redonda que me agrada decifrar.

Antes de sair de casa do Richard e da Anne, prometi-lhes não fazer asneiras e telefonar-lhes regularmente. Falhei a segunda promessa. Durante vários sóis, não me apercebi do silêncio do meu telefone. A bateria estava descarregada.

— Anne, sou eu.

É estranho como, por vezes, conseguimos sentir emoções quando escutamos um silêncio. O da Anne, na outra ponta do aparelho, parece-me expressar alívio. Um alívio imenso.

— Amande, estava preocupada.

— Fiquei sem bateria.

Novo silêncio. Julgo que a Anne procura as palavras, não sabe por onde começar.

— Tratámos dos últimos papéis com o notário. Vão chegar-te aí. Dei-lhes a tua morada. Não sei... se podia.

— Sim, não há problema. Assim, será mais simples.

— Vai prestando atenção à caixa do correio.

— Está bem.

A Anne fica em silêncio uns segundos. Tenho a sensação de que espera que eu lhe diga alguma coisa, mas nem me passa pela cabeça perguntar o que é feito do apartamento. É ela quem puxa o assunto.

— O Richard foi com o Yann esvaziar o T2.

— Ah.

— Foram no fim de semana. Eu queria tê-lo acompanhado, mas depois...

Engulo em seco. Ela não precisa de continuar para que eu saiba.

— Encontrou um casal para subarrendar — prossegue, muito depressa. — A partir de setembro. Parece-te bem?

— Naturalmente.

— Guardaram as coisas na cave. Pedi-lhes que usassem coberturas de plástico. Não queria que ganhassem humidade. Podes ir buscá-las mais tarde.

Não respondo. Não sei o que dizer.

— Amande, queria a tua opinião acerca das coisas do quarto amarelo...

Desta vez, deixo de respirar. Mal oiço a voz da Anne, que continua no aparelho:

— O Richard pensava que as quererias vender ou livrar-te delas, mas eu preferi falar contigo antes. Temos espaço na cave... Podemos guardá-las. Quero que saibas que não será problema.

Não consigo decidir-me, de pé, na cozinha, no meu velho pijama, que começa a cheirar a mofo. Abro a boca, volto a fechá-la. Não sei.

— Amande?

— Sim.

— Queres algum tempo para pensar?

— Sim.

Fixo uma janela sem a ver. Espero que as palpitações, que me provocaram uma enxaqueca, abrandem.

— Amande?

— Sim.

Os «sins» saem-me da boca sem que deles tenha verdadeira consciência, quais sopros, um reflexo automático, visto que não estou de facto a ouvir o que quer que seja.

— Já se passaram três semanas...

— Três semanas?

— Desde que te foste embora e te instalaste aí. Tens a certeza de...

Ela hesita. Não me quer magoar. Não faz ideia do meu estado de espírito atual, da forma como estou a gerir as coisas.

— Não gostarias de regressar por algum tempo?

O tom da minha resposta não deixa qualquer dúvida:

— Por enquanto não.

— Está bem. Se alguma vez...

— Eu sei, Anne. Obrigada...

Fico aliviada com o facto de ela não ter perguntado: Andas a dormir? Andas a comer? Ter-me-ia decerto sentido obrigada a mentir.

O quarto amarelo fora ideia minha. Uma forma de fugir ao tradicional rosa ou azul. Não éramos originais. O Benjamin sonhava ter uma filha, eu queria um rapaz. Quando, porém, nos foi anunciado o sexo, a minha alegria igualou a sua em grande medida. Ele queria deixar a cidade, para que a pequena pudesse crescer num ambiente bucólico. Eu queria que nos casássemos para poder ter o mesmo apelido que eles. Para que formássemos uma verdadeira família. Casámo-nos rapidamente numa conservatória do registo civil. Apenas nós os dois e o Yann e a Cassandra, as nossas testemunhas. O meu ventre começava, nessa altura, a arredondar.

Pintara o quarto de amarelo, e o Benjamin montara o berço e o trocador. Os móveis eram de uma bonita madeira branca. Por cima

da cama, colara um autocolante com um pintainho a sair do ovo. Os lençóis já estavam comprados, bem como os conjuntos, os *bodies* e os *baby-gros* coloridos.

Iria chamar-se Manon. Manon Luzin. Tínhamos apostado que teria um cabelinho loiro e os olhos cor de avelã do Benjamin. Deveria ter nascido no dia 20 de agosto. Morreu no dia 22 de junho, às 05h58.

Haverá sempre alguém que se lembre do Benjamin. Alguém capaz de prestar testemunho da sua generosidade, do seu altruísmo, do seu amor ao trabalho, aos jovens, à ACJ, à sua família. O sorriso dele permanecerá nas memórias, os seus cabelos escuros e emaranhados também, a argola na orelha, com que toda a gente troçava.

Com *ela* é diferente. Nunca existiu para *eles*. Nunca a viram, nunca a sentiram, nunca lhe tocaram. Ela deveria ter sido, mas não foi. É tão simples como isto. Sou a única a saber quão falsa essa ideia é. Sou a única a saber que ela existiu, existiu realmente, para lá daqueles segundos em que o seu corpo nado-morto foi arrancado do meu, no hospital. O Benjamin também o teria sabido. Ela existiu nas nossas cabeças, nos nossos corações, muito antes de aparecer fisicamente. Mas o Benjamin já ali não estava, e doravante só eu me posso lembrar dela.

Não me parece que me queira ver livre das coisas do quarto amarelo. Por agora, não.

3

Preciso de sair do meu antro. As conservas acabaram todas. A minha última embalagem de arroz contém, e a custo, uma refeição. Como pouco, mas ainda assim alimento-me; caso contrário, não teria energia para me levantar da cama. As insónias destroem tudo. Acreditei que, por exaustão, acabaria por cair a dormir. Enganei-me. Algo no meu cérebro bloqueou, algo me impede de dormir por um longo período. Uma vigilância extrema. Um instinto de sobrevivência?

Esta manhã, porém, terei de recorrer às minhas reservas de força para me lavar, vestir e caminhar até ao carro.

Planeei até ao mais ínfimo pormenor. Sei, por conseguinte, que o primeiro supermercado se encontra a doze quilómetros. Fiz uma lista de compras precisa para passar o menos tempo possível em ambientes com iluminação agressiva, entre muita gente. A hora a que saio também não é por acaso: é a de menor afluência nas lojas e de menos circulação nas estradas. Quero regressar o mais depressa possível à minha obscuridade.

Uma hora e dois minutos, eis o tempo de que terei precisado para me livrar daquela estopada. Nada de notável naquela primeira saída ao cabo de diversos sóis. Apenas uma moto na estrada, mas estava muito distante para me sentir transtornada. Arrumo as compras na cozinha, abrigada do resto do mundo. Por ordem de data de validade. É mais pertinente do que a alfabética e, acima de tudo, necessita de mais tempo e concentração. Não posso pensar.

Depois de arrumado o último saco de pão de forma, deixo-me cair na cama. Tenho a sensação de que vou finalmente dormir. Fecho os olhos, deixo que a nuca fique dormente. Sinto-me calma

e convencida de que, desta vez, vou submergir. É então que a imagem da moto com que me cruzei ainda há pouco volta a imiscuir-se no meu espírito. Uma moto desportiva, como a do Benjamin, mas preta e verde. A dele era preta, só preta.

Ao contrário das mulheres dos amigos *motards* do Benjamin, nunca me angustiou saber que ele se deslocava de moto. Não é que eu seja de uma confiança e otimismo naturais, acontece que o Benjamin era prudente. Naturalmente, gostava da velocidade, de sentir o motor vibrar-lhe sob o corpo, de fazer curvas apertadas, mas tinha consciência do perigo, escondido em cada esquina, era razoável. Nunca temi andar com ele, eu, a medrosa incondicional.

Nunca me inquietei por aí além quando ele chegava tarde. Nunca imaginei que ele fosse morrer numa moto.

Dormi algumas horas. Fui espreitar a caixa de correio já a noite havia caído. Pareceu-me vislumbrar uma sombra desaparecer por entre as ervas do outro lado da estrada. Quase de certeza, seria um gato vadio.

Sentada à mesa da cozinha, abro com calma a carta do notário. O relatório do encontro. Como combinado, enquanto mulher do Benjamin, herdo o capital do seu seguro de vida e de um determinado número de ativos. Eu e o Benjamin, não sendo ricos, havíamos posto algum dinheiro de parte. A herança, assinalada preto no branco pelo notário, permitir-me-ia viver reclusa durante algum tempo. Afasto a carta, que não me diz mais do que aquilo que eu esperava, e aproximo de mim o velho calendário da senhora Hugues que ainda não guardei.

Abro no mês de abril, um mês representado por um ramalhete de rosas amarelas, disposto numa mesa de jardim em madeira tosca. Algumas casas ostentam notas. 2 de abril: *transplantar as alfaces*. 6 de abril: *dividir os pés de cebolinho*. 10 de abril: *hortênsias*. 13 de abril: *semear a salsa*. 18 de abril: *tarte de morangos?* 20 de abril: *plantar dalias*. 22 de abril: *instalar o sofá de jardim debaixo da árvore do Paul*. 30 de abril: *transplantar os loureiros-rosa de vaso*.

Leio novamente a inscrição: *instalar o sofá de jardim debaixo da árvore do Paul*. Pergunto a mim mesma quem é o Paul e que árvore será a sua. Por ora, só observei o exterior da casa de noite. Não avistei árvores.

A minha curiosidade termina aí, não tenho chama suficiente para a alimentar, a exaustão toma as rédeas.

Por entre as nesgas das portadas, observo o sol que nasce suavemente sobre a copa das árvores, nas colinas circundantes. Há muitos sóis que não durmo. Abandonei o calendário da senhora Hugues, deambulei pela casa, enrolei-me em cada vez mais mantas porque sinto mais e mais frio. Estou a tornar-me cada vez mais inconsistente, como se pouco a pouco estivesse a desaparecer.

Perscruto o meu passado, procuro momentos felizes. Mas é com cada vez mais dificuldade, com cada vez menos força e energia, que consigo repelir as imagens da noite de 21 de junho. E se parasse de lutar... Se as deixasse chegar de súbito?

Mais tarde — já será um novo sol?, deixei de saber —, a Anne telefona. Respondo de forma maquinal.

— Amande, queres vir cá a casa no domingo?

Não sei que dia é. Digo-lhe que não, que tenho de descansar, que ando a dormir muito pouco. Ela pergunta-me se preciso de soporíferos, ou de qualquer outra coisa, diz que pode vir ter comigo, com ou sem o Richard. Não sei. E é isso que lhe digo.

— Posso ir aí no domingo... — repete ela.

Então, oiço-me replicar-lhe que sim, domingo, mas ao fim do dia, não antes.

Não quero que façam o sol entrar na minha casa.

Preparar jantar para a Anne e o Richard permite-me ter um novo objetivo. Não sou capaz de sair e ir comprar alimentos frescos, mas consigo com as minhas diferentes conservas e laticínios cozinhar algo semelhante a um bom prato. O guisado de

legumes, o rolo de carne recheado em vácuo e um pacote de massa permitem-me confeccionar um gratinado ligeiramente melhorado. Acrescento-lhe um resto de queijo *Gruyère*, retirando-lhe os pedaços esverdeados, fruto do bolor.

Obrigo-me a descansar. Apesar de o sono não vir. Obrigo-me a permanecer deitada longas horas, sobretudo entre dois sóis, convencida de que assim recuperarei um pouco de energia.

Tive de consultar a data no meu telemóvel, para saber quando seria domingo. Dentro de três sóis. Será 17 de agosto. O fim do verão aproxima-se.

Nesse dia, tenho de abrir as portadas. Não quero que eles saibam que estou a viver numa escuridão permanente. Espero pela última para o fazer. A sala surge-me completamente diferente, à luz natural do fim de dia. Mais acolhedora. Menos fria.

Ponho a mesa, pouse um jarro de água no centro, desligo o fogão. O gratinado deve estar pronto, algum fumo invadiu a divisão. Na taça, despejo uma salada de fruta em conserva, que polvilho com açúcar branco. Não estou certa do resultado. Coloco-a no frigorífico, para a sobremesa.

Escondo as mantas amareladas, envolta nas quais passo os dias. Asperjo um pouco de ambientador no corredor, na casa de banho e na sala. Tento vestir-me de forma decente. Umas calças pretas. Uma camisa leve em tons de rosa. Prendo os cabelos loiros, que perderam o viço. E, então, ponho-me à escuta de sons. O motor de um automóvel que se aproxima.

Depois, o som do motor. De seguida, o da gravilha sob as rodas. Duas portinholas que batem. Abro a porta, aliviada por constatar que a noite caiu. Os dias começam a diminuir.

Eles parecem felizes por me ver no alpendre, com a minha camisa rosa. Não devo estar com mau ar. Ou não demasiado. Também eles se esforçaram por ter um aspeto vivo. A Anne traz um

vestido escuro e sandálias douradas. O Richard tem umas bermudas azul-marinhas.

— Está fresco aqui! — exclama a Anne, abraçando-me.

— Eu empresto-vos casacos.

O Richard também me abraça. É alto e moreno, como o Benjamin, com os mesmos olhos cor de avelã. É verdade que está fresco. Não voltei a sair desde a carta do notário, mas constato que as temperaturas desceram muito.

— Não era preciso trazerem nada. Entrem.

Oferecem-me um ramalhete de flores. São de um rosa-claro, de um violeta, de um vermelho-vivo. Parece-me demasiada cor para a casa, sinto que ainda não estou preparada para as ter diante dos olhos. Terei de as deitar fora amanhã. Contudo, por ora, sinto-me feliz por ter a Anne e o Richard aqui, perto de mim. Não comentam o interior velhinho e fora de moda.

— Cheira mesmo bem — limitam-se a assinalar, quando entram na sala.

Nem um nem outro me pedem que lhes faça uma visita pela propriedade ou pelo jardim. A sua chama ainda não estará suficientemente forte para despertar qualquer forma de curiosidade. A Anne pousa o ramalhete na mesa, junto do jarro, pergunta pela casa de banho. O Richard permanece plantado na cozinha, perto de mim, aclarando a voz enquanto me estende um saco de plástico ornado com uma cruz verde.

— O que é que...

Percebo que se trata de comprimidos para dormir.

— A Anne toma estes — explica Richard.

Agradeço e arrumo o saco de plástico num armário em cima do lava-loiça. Nada pergunto e, no entanto, ele explica:

— Está a ser seguida por um psicólogo.

Levanto a cabeça, imaginando que lhe esboçava um sorriso. Não tenho a certeza de o haver conseguido. Ele aponta-me para a barriga. Sob a camisa rosa, não resta qualquer vestígio da existência anterior.

O meu ventre dissolveu-se. Só resta a pele, enrugada, frouxa, com dificuldade em retrair-se. A pele e a cicatriz terrível.

— Já não tens infeção?

— Não, nada.

Evito olhar para ela, mas vejo-a todos os dias. Ficou de um tom rosado e está a tornar-se cada vez mais difusa. Um dia há de esbater-se, mas permanecerá sempre visível, e conto com isso.

A Anne regressa à cozinha, interrompendo aquela conversa sussurrada.

— Tens espaço...

Eis o que lhe ocorre ante o espetáculo da minha casa miserável, e eu compreendo-a.

À mesa, não falamos de outra coisa. A campa do Benjamin. As cartas de condolências e outras demonstrações de afeto que a Anne e o Richard receberam. A dipladénia que colocaram na pedra tumular. Julgo que lhes faz bem estar comigo, só comigo, não ter de fingir, contentar-se com falar da morte dele e mais nada.

— A polícia veio ver-nos há duas semanas. Para saber se queríamos apresentar queixa contra X por causa dos foguetes.

Perscrutam-me. Querem saber o que acho. Encolho os ombros.

— Não sei... De que serviria...

A Anne acena com a cabeça.

— Foi o que disse aos agentes, mas sabes... queríamos saber a tua opinião.

Explicam-me que foi publicada uma informação no jornal a proibir doravante a utilização de foguetes nas bermas das estradas, a não ser que a circulação fosse previamente cortada.

Instala-se um silêncio, e aproveito para levantar os pratos e servir a salada de fruta em pequenas taças de terracota.

— Amande, também temos uma novidade para te dar.

Estaco, a concha suspensa sobre a saladeira. Foi a Anne quem falou, e tem os olhos marejados de lágrimas. Não sabe como prosseguir, pelo que o Richard trata disso, no seu tom calmo.

— O Yann ia anunciá-lo na churrascada em família de dia 14 de julho... mas, com o acidente e tudo o que aconteceu, teve... teve de adiar a notícia.

Também ele precisou de algum tempo para se recompor. Aguardo em silêncio.

— Não queríamos esconder-te isto, mas sabíamos que seria algo delicado de anunciar. Não o queríamos fazer pelo telefone...

Anne pousa-lhe uma mão no antebraço para o travar, quer tomar as rédeas, tratar do assunto.

— Elas deveriam nascer com alguns meses de diferença. Era o que a Cassandra e o Yann queriam...

As minhas mãos começam a tremer. Não estou certa de conseguir travar aquilo. Paro de respirar.

— Estão à espera de um bebé. Uma menina. Vai nascer em janeiro.

A salada de fruta está, de facto, pouco doce, quase intragável, mas ninguém se preocupa. Nessa noite, tenho vontade de morrer. É a primeira vez que a ideia me surge de forma tão nítida. Adoro o Yann, a cópia perfeita do Benjamin numa versão mais jovem, e adoro a Cassandra, a sua franqueza, a sua espontaneidade. Sempre os achei mais do que cunhado e cunhada. Iam ser o padrinho e a madrinha da Manon. No entanto, naquela noite, só sinto vontade de morrer.

Um hino maravilhoso à natureza que nos reconcilia com a vida.

É num verão brilhante e insuportável que a jovem Amande Luzin entra pela primeira vez na casa que arrendou na zona rural francesa de Auvergne. Para a acolher, encontra janelas fechadas, escuridão e silêncio: um refúgio. É ali, longe de todos, que decide esconder-se para viver o seu luto.

Amande nunca abre as portadas e raramente sai à rua, evitando a interferência da luz na sua vida. Até que, um dia, encontra os diários e calendários da antiga proprietária, a senhora Hugues. Numa caligrafia redonda e elegante, há instruções detalhadas para os cuidados do jardim e para a confeção de receitas, uma espécie de almanaque caseiro.

Amande é uma mulher da cidade que nunca usou galochas nem utensílios de jardinagem. No entanto, apesar da dor que a corrói, decide seguir as instruções da senhora Hugues e recuperar o jardim abandonado, um espaço que parece mágico. A cada semente, encontra um rebento: no pântano da sua dor, cada amanhã traz uma pequena e perfumada promessa de futuro.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897849558



9 789897 849558 >